

MODELOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LATIM (E DE GREGO?)

João Manuel Nunes Torrão

No seguimento da intervenção anterior, gostaria de apresentar dois outros modelos de formação:

o da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e da Faculdade de Letras da Universidade Católica – Centro de Viseu que apresenta quatro anos de licenciatura com as cadeiras psico-pedagógicas integradas (três disciplinas anuais), para além das didácticas específicas (línguas clássicas, português, literatura portuguesa – disciplinas semestrais) a que se segue um ano de estágio com frequência obrigatória de um seminário científico-pedagógico;

e o do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro que se compõe de cinco anos de licenciatura em que os quatro primeiros são ocupados com cadeiras da especialidade e cadeiras do âmbito das ciências da educação e da didáctica e tecnologia educativa (um conjunto de oito disciplinas semestrais em que se incluem a Didáctica do Português e a Didáctica das Línguas Clássicas); o quinto ano é de estágio com um seminário que, no entanto, pode ser feito no ano anterior.

Em qualquer dos casos, não há, tanto quanto sei, estágio na disciplina de Grego.

Sinceramente, perante os três modelos hoje aqui apresentados não sei dizer qual o mais eficaz. Todos têm aspectos positivos e potencialidades ainda por explorar, mas todos apresentam também defeitos e problemas que importa superar.

Talvez o problema venha a ser resolvido com uma proposta de que tive conhecimento há pouco tempo e que pretende uniformizar em todo o país o ano de estágio. Trata-se de uma proposta oriunda da Universidade do Minho, mas que teve muito bom acolhimento junto do Ministério da Educação.

Não concordo, minimamente, com essa proposta, mas tenho sérios receios de que ela venha a ser aplicada, dada a enorme poupança em dinheiros públicos para que aponta.

Mas, por agora, deixaria este aspecto de lado e passaria para outro ângulo do problema. É que, independentemente das "regras" de funcionamento, penso que, neste momento, importa lançar alguns dados que, com um certo grau de provocação, nos poderão levar – a todos nós que estamos interessados na formação de professores das línguas clássicas – a uma reflexão sobre o tipo de formação que estamos a fazer.

Para essa reflexão, gostaria de fazer um levantamento de uma série de problemas mais ou menos reais – a cada um caberá verificar até que ponto há uma coincidência com a realidade – com que nos vamos deparando.

Importa esclarecer desde já que alguns dos problemas levantados poderão ter sido detectados na formação de professores de outras áreas científicas que não as línguas clássicas.

Assim, poderemos começar pelas universidades:

– será que a formação inicial a nível da licenciatura é a mais adequada para os professores que pretendemos?

– será que nos preocupamos em dar pistas de investigação que permitam, posteriormente, um trabalho autónomo ou limitamo-nos a transmitir toda uma série de informações, certamente muito importantes, mas que, depois, não têm aplicação prática ou não permitem a maleabilidade necessária para trabalhar temas novos?

– será que as concepções didácticas que tentamos transmitir estão actualizadas e adaptadas ao sistema de ensino português?

– será que, já no trabalho de estágio, temos em atenção as condições concretas em que o estagiário se encontra – escola, meio, turma, etc.. – ou vamos com ideias pré-concebidas que tentamos aplicar a todo o custo?

– será que os elementos da universidade destacados para o acompanhamento do estágio têm disponibilidade para isso? será até que alguns de nós estão sensibilizados para a problemática da formação?

– e as escolas que ficam muito longe? e os horários das escolas que não encaixam nos nossos?

Mas também nas escolas, nomeadamente nos orientadores, é possível encontrar problemas:

– quantos orientadores aceitaram o cargo só para terem redução de horário ou para ficarem perto de casa?

- quantos fazem muitas outras coisas e se "esquecem" do trabalho que lhes compete, a saber, orientar os estagiários?
- quantos têm sérias dificuldades científicas que os impedem de esclarecer cabalmente as dúvidas dos estagiários?
- quantos estão formados há tão pouco tempo que ainda nem tempo tiveram para "digerir" o seu próprio estágio?
- e que dizer das condições que as escolas oferecem e que as universidades aceitam para garantir estágio aos seus alunos?
- em quantas escolas há apenas uma turma de latim para o orientador e os estagiários em conjunto?
- em quantas escolas o orientador tem uma turma, mas os estagiários estão todos a dar aulas numa outra?
- quantos estagiários, em vez de aulas, estão a dar explicações porque a turma que lhes foi atribuída tem um número mínimo de alunos?
- e as turmas que têm trinta ou mais alunos?
- e as turmas escolhidas a dedo com um número muito grande de alunos (a maioria) com problemas educativos especiais, muitas vezes graves?
- e os professores mais antigos que tratam com desprezo os estagiários?
- e quando as escolas dizem que nada "lucram" com os estágios que conclusões devem ser tiradas?

Muitas outras perguntas poderiam ser aqui feitas sobre todos os intervenientes neste processo de formação já que os problemas levantados nem de perto nem longe esgotam esta problemática. Cada um dos presentes poderá verificar se, nas situações concretas que conhece, consegue identificar alguns dos que aponteí ou descobre outros que não mencionei.

Não podemos, no entanto, limitarmo-nos a um levantamento dos problemas existentes; temos de lhes descobrir as causas e tentar remediá-las para construirmos, em percurso cada vez mais perfeito, a formação por que todos ambicionamos.

Para uma discussão mais alargada, vou deixar no ar algumas condições que considero mínimas e fundamentais para a formação de professores, seja qual for o sistema em que esta se insira.

Assim, julgo que é fundamental uma exigência cada vez maior na formação a nível da licenciatura;

é necessário também ser bastante exigente na prática do ensino, mas com uma disponibilidade muito grande para a formação quer nos comentários às aulas quer nos espaços e nos tempos fora destas;

é preciso ainda um espírito sempre aberto à inovação e à criatividade desde que estas se encontrem fundadas no saber científico;

é preciso também honrar o nome que, em muitos lados, é atribuído aos nossos cursos – humanidades; devemos, pois, ser os primeiros na atenção à pessoa humana que está presente no aluno e no estagiário.

Correndo o risco de escandalizar alguém, atrevo-me a dizer que o ensino do latim e do grego é muito importante, mas, se tivermos de o pôr de lado para prestar atenção ao aluno como pessoa, não devemos hesitar um segundo. É que, para ser um bom latinista ou um bom helenista, é necessário, antes de mais, ser humano.